

Eça de Queirós e Edgar Prestage

Maria Teresa Pinto Coelho

Introdução

COM O TÍTULO *The Sweet Miracle* ERA EM 1904¹ publicada em Inglaterra a tradução de um texto queirosiano, o conto *O Suave Milagre*. O autor: Edgar Prestage.

O trabalho havia começado no ano anterior, como se vê numa carta enviada por Prestage ao seu amigo Jaime Batalha Reis, na qual lhe pede que compare a tradução com o original e que a corrija (enviando-lhe mesmo a lista de alguns vocábulos que não sabe traduzir) e lhe anuncia que poderá também vir a traduzir um outro conto, *O Defunto*². Eça era assim divulgado junto do público inglês através, não dos seus romances, mas dos seus contos, já que *O Defunto* viria, de facto, a sair a lume em 1906 com o título *Our Lady of the Pillar*³.

Embora planeasse traduzir outros contos, como anuncia no Prefácio à primeira edição de *The Sweet Miracle*⁴, Prestage não chegaria a fazê-lo, tendo apenas, ainda em 1906, traduzido uma das cartas de *A Correspondência de Fradique Mendes*, «Ao Sr. E. Mollinet. Director da *Revista de Biografia e de História*», que intitula *Pacheco*⁵.

Este ensaio propõe-se analisar, pela primeira vez, as circunstâncias que levaram Prestage, o principal lusófilo inglês da viragem do século XIX para o século XX, a traduzir estas e não outras obras queirosianas e ainda a revelar a participação de Jaime Batalha Reis neste projecto. Para além dos textos de Prestage, a pesquisa tem por base os espólios de Batalha Reis e Prestage que se encontram, respectivamente, na Biblioteca Nacional em Lisboa⁶ e no King's College da Universidade de Londres⁷, onde encontrámos várias cartas de Prestage ao seu amigo português e os rascunhos das cartas deste. Até hoje ignorada, esta correspondência testemunha uma longa amizade da qual Prestage largamente beneficiaria e que muito iria contribuir para o seu interesse por Portugal.

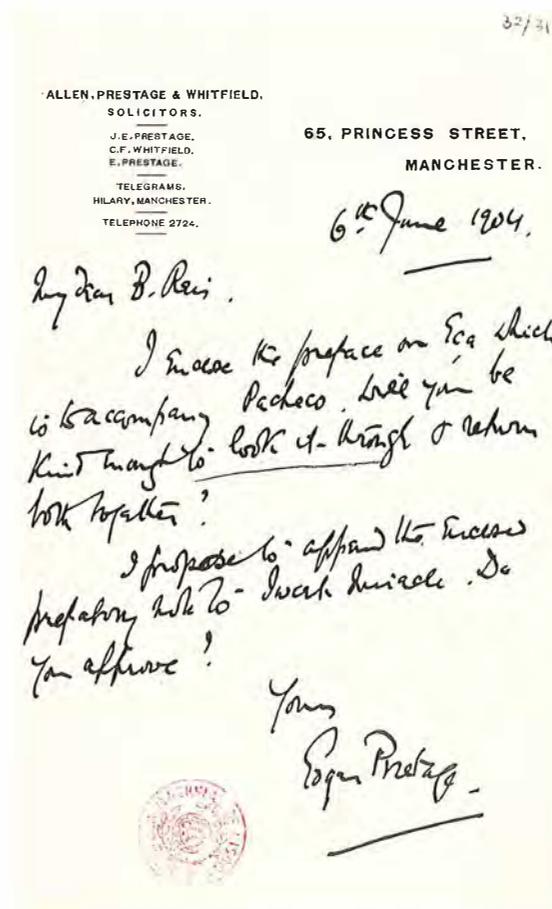
Portugal e uma carreira de tradutor

À data da publicação de *The Sweet Miracle* Edgar Prestage havia já empreendido vários trabalhos de literatura portuguesa. Entre eles contava-se a tradução das cartas de Mariana Alcoforado em 1893⁸ e, no ano seguinte, uma coletânea de sonetos anteriores⁹.

Então a exercer advocacia em Manchester na firma Allen and Prestage, de que seu pai era sócio¹⁰, Prestage iniciava, assim, a sua carreira de tradutor. As razões que o teriam levado a empreender tal tarefa são apresentadas num texto anterior, «English Neglect of Portuguese Literature», publicado em 1893 na revista *The Academy*: «ao contrário de outras literaturas europeias, com excepção de Camões, a literatura portuguesa é desconhecida em Inglaterra»¹¹.

Embora por esta afirmação se possa depreender que não está a par do que até então sobre literatura e cultura portuguesa se publicara no seu país¹², o artigo marca o início de um trabalho de divulgação das letras portuguesas na Inglaterra dos finais do século XIX pela pena de Prestage, trabalho que levaria a cabo sobretudo até 1906. Depois, passaria a dedicar-se aos estudos históricos e diplomáticos, pelos quais ficaria conhecido, sendo a sua actividade de tradutor praticamente posta de lado.

Um dos motivos para a inflexão nos seus estudos reside no casamento com a filha de Maria Amália Vaz de Carvalho – Cristina Crespo¹³ – em 1907¹⁴, após o qual passa a viver em Lisboa. Nas suas «Notas Auto-Biográficas» escreve: «Quando fixei residência aqui, abandonei de vez o trabalho de tradução, porque quando feito com consciência é fatigante e não compensa os sacrifícios. Escolhi antes a investigação histórica, tentando cooperar com outros em lançar as bases para uma obra grandiosa, a



Carta de Edgar Prestage a Jaime Batalha Reis, datada de 6 de Julho de 1904. Lisboa, Biblioteca Nacional, Espólios: Jaime Batalha Reis (ESP E4 32/31).

*História de Portugal, que se há-de escrever segundo as regras da crítica moderna»*¹⁵.

A curiosidade pela literatura portuguesa começara, todavia, muito cedo, ainda na escola (Prestage é aluno em Radley, uma *public school*, o que mostra que a sua família é abastada e socialmente bem colocada), precisamente com Camões, tendo em 1886 lido uma das traduções inglesas de *Os Lusíadas*, a de Aubertin, publicada em 1878¹⁶.

O interesse por Camões continuaria nos seus tempos da universidade, em Oxford, onde de 1887 a 91, frequenta, no Balliol College, His-

tória Moderna. Nessa altura já se correspondia com Sir Richard Burton, que acabaria por considerar o melhor tradutor de *Os Lusíadas*¹⁷.

Para prosseguir a sua actividade de tradutor Prestage precisaria, contudo, de arranjar contactos em Portugal. A sua primeira viagem tem lugar no verão de 1890 quando, como ele próprio conta, ainda se vivia no calor da reacção contra o *Ultimatum*.

«A primeira visita que fiz a Portugal teve lugar no verão de 1890. Acompanhado por outro estudante de Balliol, visitei Lisboa (onde fui apresentado a Oliveira Martins), Sintra, Alcobaça, Batalha, Coimbra, Porto e Braga. O País encontrava-se num estado de efervescência por causa do Ultimatum britânico, e em Coimbra os rapazes fizeram uma manifestação hostil à porta do nosso hotel, (onde ocupei o quarto em que tinha estado o Imperador D. Pedro II, segundo me informou o hoteleiro), gritando Bifs, Bifs; não sabiam que eu, com a minha simpatia para Portugal, tinha contribuído com uma libra para a subscrição nacional, destinada a construir uma esquadra que defendesse o país contra Inglaterra!»¹⁸.

Oliveira Martins iria dar-lhe uma carta de recomendação para Teófilo Braga, e, a partir de 19 de Maio de 1892, Prestage começa a escrever-lhe¹⁹.

Já anteriormente Prestage tinha conhecimento da obra de Teófilo Braga, possuindo em Oxford dois volumes da *História da Literatura Portuguesa* e a *Teoria Crítica da História da Literatura*²⁰. Para além de Teófilo, Prestage entra também em contacto com Joaquim de Araújo e, através dele, com sua noiva, a poetisa açoriana Alice Moderno²¹. Esta enviar-lhe-ia as suas publicações tendo Prestage traduzido um dos seus sonetos, o «Soneto Geográfico», publicado em 1894 em *The Academy*²² e incluído em 1911 na colectânea *Versos da Mocidade*²³.

Outros conhecimentos em Portugal se vão desenvolvendo. Pela mão de Oliveira Martins a tradução das cartas de Mariana Alcoforado chegaria a Luciano Cordeiro e valeria a Prestage a eleição de membro correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa, tendo sido o signatário da proposta de adesão, nem mais, nem menos, o próprio Luciano Cordeiro²⁴ que havia fundado a Sociedade.

O grande impulso dado ao trabalho de Prestage viria, porém, através de um outro homem – Jaime Batalha Reis – com o qual começa a corresponder-se no final de 1893.

A primeira carta trocada entre os dois data de 2 de Novembro desse ano e é da autoria de Batalha Reis que diz ter encontrado em *The Academy* o referido artigo «English Neglect of Portuguese Literature», assim como a tradução de alguns sonetos de Antero. Batalha Reis apresenta-se como amigo do poeta e salienta o prazer que teria em corresponder-se com Prestage, já que partilham os mesmos interesses. A resposta não se faria esperar. Dois dias depois o inglês escreve-lhe começando assim uma longa troca de correspondência.

O conhecimento de Batalha Reis viria na hora certa, tanto mais que a morte de Oliveira Martins, ocorrida em 1894, o privaria de um dos seus melhores amigos portugueses. Batalha Reis revelar-se-ia imprescindível ao prosseguimento do trabalho de Prestage, ajudando-o frequentemente nas suas traduções, informando-o sobre literatura portuguesa e proporcionando-lhe, em Portugal, como mostra a correspondência, os contactos que lhe faltavam²⁵. Para além de ser incansável, estava a par do que se publicava em Portugal, sendo amigo dos principais homens de letras e mesmo dos políticos da época, era diligente e generoso e vivia em Inglaterra (no início da

correspondência, em Newcastle²⁶), tornando-se mais fácil para Prestage contactar com ele.

Com a ajuda do seu novo amigo e numa época em que ainda domina mal a literatura e a língua portuguesas²⁷, Prestage viria a traduzir alguns poemas de *Os Simples*.

Fora Batalha Reis que lhe chamara a atenção para Junqueiro quando, na Introdução aos *Sixty-Four Sonnets* de Antero, Prestage afirmara que os três mais importantes poetas do século eram: Garrett, João de Deus e Antero, ideia, aliás, já presente em «English Neglect of Portuguese Literature».

Numa carta datada de 5 de Junho de 1894 Batalha Reis mostra-se discordante respondendo que Junqueiro é: «*the greatest of all, in many ways, the most original of all, (as Os Simples have no precedent, that I know of, in any of the Modern Languages,) and the recognised master of all the poets of the present generation in Portugal*».

A partir desta advertência Prestage passa a considerar Junqueiro de outra forma e começa a traduzi-lo, publicando em 1895 «Canção Perdida» e «O Cavadôr»²⁸ e, em 1920, «A Caminho»²⁹.

A co-produção Prestage-Batalha Reis continuaria, nomeadamente com a tradução da *Crónica da Guiné* de Zurara, obra publicada com Charles Raymond Beazley³⁰, cuja revisão, como de costume, Batalha Reis, pacientemente, efectuará, como o próprio Prestage confessa nas suas «Notas Auto-Biográficas», escrevendo que este o ajudou a rever «*palavra por palavra, a versão de Zurara, trabalho cuja dificuldade foi grande em relação ao estado do texto e à linguagem em que a crónica é escrita*»³¹.

A tradução de Zurara, dedicada a D. Carlos, valeria a Prestage a Comenda da Ordem de Sant'Iago. A sua reputação estava estabelecida em Portugal.

Eça e o romance português do século XIX

Zurara marca o período áureo da actividade de Prestage como tradutor que se desenvolve entre 1893 e 1898. Depois os trabalhos tornam-se mais escassos, pois passaria a dedicar muito tempo à advocacia e deixaria de frequentar o Manchester Literary Club³², onde desenvolvera grande parte da sua actividade cultural³³. O regresso ao *Club* em 1904 seria marcado pela tradução de Eça, para o que Prestage continua a contar com o apoio de Batalha Reis.

Para além das cartas trocadas entre os dois, as Introduções contidas nas primeiras edições dos contos, a Apresentação incluída na tradução de *Pacheco* e alguns dos seus textos críticos permitem-nos saber o que Prestage pensava de Eça e porque o traduziu.

No Prefácio a *The Sweet Miracle* o romancista é apresentado ao público inglês como «*undoubtedly Portugal's greatest prose-writer of the last half of the nineteenth century*»³⁴, sendo mencionados *O Primo Basílio*, a *Correspondência de Fradique Mendes*, *A Cidade e as Serras* e *A Relíquia*³⁵. Por sua vez, na Apresentação que dele faz em *Pacheco*, Prestage retrata-o como demonstrando «*an originality, power, and artistic finish unequalled in the contemporary literature of Portugal*»³⁶, referindo-se também a vários dos romances queirosianos. De todos destaca, sem dúvida, *A Cidade e as Serras*: «*Many of his pages, like those containing the episode of the return to Tormes in 'The City and the Mountains', a book held by some to be his masterpiece, are already ranked as classic examples of Portuguese prose, and as creator of characters he was unsurpassed by any European writer of his generation in the same field*». Ou ainda: «*The description of 'The City and the Mountains', is full of truth and poetry, and proves*



Retrato de Edgar Prestage.

that Queiroz could depict simple things with consummate skill and deep feeling»³⁷.

Neste mesmo texto outras opiniões, ainda que superficiais, são expressas sobre a produção queirosiana. A saga da família da Maia não lhe parece um romance importante, dizendo apenas laconicamente que «*The 'Maias' treats of 'fidalgos'*». Em *O Primo Basílio* Prestage destaca o retrato de Juliana, enquanto que, embora classifique *O Crime do Padre Amaro* como «*chroniques scandaleuses*», acha também que «*considered from the artistic standpoint, they are also creative achievements of a higher order*». Quanto a *A Relíquia*, «*shows the influence of his journey to Palestine, and exemplifies the versatility of the man, for he appears there as an idealist and dreamer, a representative of that Celtic tradition which survives in the race, and has permeated the literature of his country*». Finalmente, *O Mandarim* é considerado «*a fantastic variation of the old theme of a man self-sold to Satan, exhibits great imaginative power*»³⁸, ideias que repetirá, grosso modo no artigo que sobre *Eça* escreve para a *Encyclopaedia Britannica*³⁹.

Quanto à *Correspondência de Fradique Mendes*, constitui, em sua opinião, o volume mais fascinante que *Eça* escreveu, o que justifica a publicação de *Pacheco*: «*One of these letters is translated here to enable English readers to judge of Queiroz as a letter writer and satirist, since limitations of space make it impossible to present him as a novelist. The prototype of Pacheco may be found perhaps in the statesman Fontes, and the secret of Pacheco's influence in a country where every man is more or less of an orator, lay in the fact that he hardly ever spoke. Though the actual Pacheco never existed, yet now, as Disraeli said of Don Quixote, 'he lives for us' – thanks to the talent of Eça de Queiroz*»⁴⁰.

Da mesma forma, na Introdução a *Our Lady of the Pillar*, Prestage explica o que o

levou a traduzir *O Defunto*: «*Being in Lisbon in October last, I sauntered one evening into the Livraria Bertrand, a recognised meeting-place of men of letters in the Chiado, still the principal street of the capital, and now known officially as the Rua Garrett, though, in practice, the great poet has not displaced the lesser. There I found Senhor Fancisco Ramos Paz, proprietor of the Gazeta de Noticias of Rio de Janeiro, and our conversation turned on Eça de Queiroz. I happened to say that I had recently published an English version of the Suave Milagre and had one of the Defunto ready for the press, whereupon Senhor Ramos Paz told me that the original MS. of the latter story belonged to him, it having been written for his paper, and that Queiroz had expressed the opinion to his publishers, M.M. Luga et Genelioux of Oporto, that it was his best short story. Finding my own opinion unexpectedly confirmed by so keen a self-critic as the Founder of the Realist School in Portugal, I have the less hesitation in submitting the Defunto (which I have ventured to re-name Our Lady of the Pillar) to your appreciation*»⁴¹.

A tradução de Prestage levaria a uma outra tradução do conto publicada em 1911 pela pena do poeta Douglas Ainslie. Desta feita, seria em forma de balada e intitular-se-ia «*A Friend in Need*»⁴².

No espólio de Prestage existe uma carta do autor datada de 8 de Setembro de 1910, precisamente pedindo-lhe autorização para utilizar o seu texto:

«*Dear Sir;*

I have recently read with much interest your excellent translation of Eça de Queiroz's story, which you entitle Our Lady of the Pillar. Will you permit me to found upon your text a ballad dealing with the theme? I should of course make full acknowledgement of my indebtedness to your version. I believe that

this would lead others to have recourse to your volume. I should be glad to hear from you at your earliest convenience. My ballad would be published in a volume with other verse and it would give me great pleasure to send you a copy»⁴³.

Porém, das três traduções publicadas, Pacheco, *The Sweet Miracle* e *Our Lady of the Pillar*, a que tem mais impacto junto do público é, sem dúvida, *The Sweet Miracle*. Em Portugal, segundo Prestage relata a Batalha Reis em 2 de Outubro de 1904, a tradução é bem acolhida junto da família de Eça⁴⁴. Em Inglaterra constitui um sucesso. Segundo o inglês conta ao seu amigo alguns dias depois, em carta de 27 de Outubro, «*You will be glad to hear that Sweet Miracle is selling so well that Nutt has decided to reprint. The first issue was of 500 copies*». De facto, o conto conheceria várias edições: duas logo no ano da publicação, uma terceira em 1905, outra em 1906, que seria revista em 1914, e uma quinta em 1916⁴⁵. A segunda edição incluiria a cópia de uma aguarela pintada por D. Carlos e oferecida ao Conde de Arnoso (a quem Prestage enviara a sua tradução⁴⁶) por ocasião da 15ª representação da sua versão dramatizada do conto⁴⁷. Para além destas, surgiria ainda uma outra versão inglesa: o texto de Alberto de Oliveira seria transformado numa *mystery play* com um prefácio de bispo de Salford⁴⁸.

No espólio de Prestage encontramos uma carta do bispo datada de 10 de Março de 1905 agradecendo-lhe o envio da tradução:

«*My dear Prestage*

Excuse me for my delay in acknowledging your exquisite version of Queirós's beautiful idyll The Sweet Miracle. I was unable to find your address. Please accept my warmest thanks.

I see you mention in the preface some novels written by E. Queirós. Would you be so

kind as to give me the titles and publishers' names of some of these that you can recommend, or indeed of some good modern novels in Portuguese? I should be glad to get some to keep up my reading of Portuguese occasionally»⁴⁹.

Quanto à peça, o bispo explica no Prefácio, após uma Introdução ao carácter das *mystery plays* e ao papel que desempenharam na Idade Média⁵⁰: «*It may be questioned whether we make sufficient use of dramatic compositions of this kind for the purposes of edification and instruction, and whether very much more good might not be done by a reverent presentment before popular audiences of religious plays, whether historical or for the moral order; and whether the Church might not make as good use of the stage as she does of the Press.*

In any such revival of the medieval religious stage, the following dramatisation of Eça de Queirós's exquisite legend, The Sweet Miracle, ought to play an important part»⁵¹.

Também Richard Garnett, um homem interessado pelos Estudos Portugueses⁵², bibliotecário do Museu Britânico e amigo de Prestage e Batalha Reis, escreve a Prestage em 24 de Outubro de 1904: «*Many thanks for your beautifully made and beautifully printed translation of Eça de Queiroz, which I like even better than when I read it in MS*⁵³. *Would it not make a pretty prize book for Catholic schools»⁵⁴.*

Na verdade, opções de foro religioso haviam ditado a tradução do conto. Em 1886 Prestage e a sua mãe haviam-se convertido ao Catolicismo⁵⁵, o que não deixaria de se fazer sentir na sua produção intelectual (já sem falar no casamento com uma portuguesa). A escolha das cartas de Mariana Alcoforado para sua primeira tradução de fôlego é disso reflexo, assim como a versão inglesa de *algum* Junqueiro ou a sua colaboração com alguns



artigos sobre Portugal para a *Catholic Encyclopedia* durante os anos de 1910 e 1911⁵⁶.

O sucesso de *The Sweet Miracle* deve-se ao facto de responder às necessidades do meio católico em Inglaterra e também na Irlanda. É assim que a versão do bispo de Salford iria ser reeditada em 1919⁵⁷ e, pelas mesmas razões, conheceria duas outras traduções: uma para inglês e outra para gaélico, esta última intitulada *An Miorbhile* (um milagre), publicadas em Dublin em 1927⁵⁸. Sobre o significado destas versões escreve Guerra da Cal: «Nos inclinamos a creer que ésta y las anteriores traducciones hayan sido representadas en fiestas de Navidad o de Pascua en instituciones católicas de enseñanza o de beneficencia en Inglaterra e Irlanda»⁵⁹.

Pelo anteriormente exposto, começamos a perceber por que razão Prestage traduz estes textos, mas não se aventura a traduzir os romances queirosianos. Já em 18 de Março de 1895, numa carta a Batalha Reis, havia dito que Edmund Gosse⁶⁰, director de uma série dedicada a romances estrangeiros, a Heinemann, lhe encomendara a tradução de um romance português. Segundo relata na carta, Prestage não aceitara o trabalho por estar muito ocupado. Porém, sugerira-lhe *As Pupilas do Senhor Reitor*. A outra hipótese seria Camilo, mas achava-o superficial⁶¹. E explica a Batalha Reis por que não Eça: «*Of course O Primo Basílio is greatly superior as a work of art, but it could not be translated in its entirety, and I should not care to act as censor, and cut out passages here and there. At any rate, I am convinced that no English publisher would dare to issue a full version of it. The same may be said for A Relíquia. If the works of Eça de Queirós be excluded I know of no writer whose merit exceeds that of Júlio Dinis.*»

Inicia-se aqui entre Prestage e Batalha Reis uma interessante discussão sobre o romance português do século XIX testemunhada pela correspondência. Em 20 de Abril Batalha Reis escreve a Prestage: «*I do not think Diniz' Pupilas is a remarkable work of art and I am sure it is not a characteristic portuguese literary performance. Camilo's works are genuine portuguese. Queiroz' novels are in my opinion very powerful as work of art that any thing can be pardon [sic] to them. (O Primo Basílio was published many years ago in English under the no doubt very respectable, but surely very stupid name of In the Dragon's Teeth)*⁶². *A Relíquia is even very original. With one or two points modified which I am sure the author himself would do, I would not hesitate in publishing it in English.*».

Prestage não desiste das suas opiniões, respondendo logo de seguida, em 24 de Abril

de 1895: «I am surprised at your criticism of *As Pupilas*. I always thought it portrayed Portuguese country life with a fulness and correctness unknown before. It has always appeared to me a more complete and careful picture of one phase of society than is contained in Camilo's books, which are so sketchy and thin to my taste».

A controvérsia entre os dois seria mantida surgindo de novo em 1904 quando um outro editor, David Nutt, que publicaria muitas das traduções de Prestage, lhe pede romances portugueses para traduzir. De novo, Prestage considera que *O Primo* só com cortes, rejeita Camilo e sugere *As Pupilas* apelidando-o de «o seu livro favorito»⁶³.

Esta opinião acerca de Júlio Dinis seria mantida por Prestage. Na sua contribuição para a história da literatura europeia do século XIX dirigida por George Saintsbury⁶⁴, Prestage distingue no romance português do século XIX três nomes: Camilo, Júlio Dinis e Eça. No que diz respeito a Júlio Dinis, considera que os seus romances «describe country life and scenery with loving sympathy and exactness, and hold the reader by a certain charm which Diniz has a way of imparting to his characters and their background»⁶⁵. Por sua vez, acha que Camilo não faz estudo de personagens⁶⁶, o que repete no artigo sobre o romancista que publicara na *Encyclopaedia Britannica*, embora, neste último caso, a sua opinião seja já mais favorável: «*Castello Branco is an admirable story-teller, largely because he was a brilliant improvisatore, but he does not attempt character study. Nothing can exceed the richness of his vocabulary and no other Portuguese author has shown so profound a knowledge of the popular language*»⁶⁷. Quanto a Eça, afirma ainda no capítulo para Saintsbury: «*Taking his works as a whole, critics are agreed that he displayed an originality,*



Jaime Batalha Reis.

analytical power, and artistic talents unequalled in the contemporary literature of his country, and as a creator of characters he was probably unsurpassed by any European writer of his generation»⁶⁸.

A opinião depreciativa que Batalha Reis tem de Júlio Dinis inscreve-se na visão que impera na época. Este não fazia parte do grupo dos que eram considerados «os novos», ou seja os da geração coimbrã⁶⁹, tal como são descritos em 1869 por Luciano Cordeiro no seu *Livro de Crítica* que acusa Júlio Dinis de falsas idealizações, embora destaque a sua capacidade de descrição, o colorido dos seus romances, a imaginação e o lirismo espontâneo⁷⁰.

Quanto a Prestage, mostraria autonomia relativamente às opiniões correntes porque

os romances de Júlio Dinis defendem valores caros à sociedade vitoriana como o *Home*, a família e a respeitabilidade, ligados, entre outros, à imagem do homem como pai de família e à da mulher-anjo-do-lar⁷¹, princípios ausentes dos romances de Eça. Assim, para além das razões que ele próprio enuncia (simplicidade, rusticidade, desenvolvimento das personagens), o facto é que uma possível tradução de *As Pupilas do Sr. Reitor* não levantava os problemas de ordem moral e religiosa suscitados pela maior parte da obra queirosiana, à excepção de *A Cidade e as Serras*. Daí que Prestage elogie constantemente este romance e acabe, implicitamente, por estabelecer uma associação com Júlio Dinis.

No que diz respeito a *O Primo Basílio* e *A Relíquia*, na carta de 24 de Abril de 1895 Prestage é explícito quanto aos motivos que o impediriam de traduzir estas obras: «*Of course I agree with what you say about Queirós. I have written for the English version of O Primo Basílio which I expect to find cut about and spoilt judging from the silly title given it. A Relíquia, as you say, well deserves translating. I enjoy it immensely, as a work of art, but how could I as a conscientious Catholic affix my name to an English version. Fancy the scandal I should give to some of the [—] brethren! The scene in the chapel where instead of the Crown of Thorns Mary's dressing gown appears could not be cut out, if modified it would be spoilt, and yet I should not like to translate it as it is. There is, I agree, a great deal of silliness and hypocrisy about the English frame of mind as regards foreign novels, and, were I a Protestant or Agnostic, I would translate the works of Queirós word for word.*»

Porém, curiosamente, Prestage possui um manuscrito com a tradução de *O Primo* para inglês que ofereceria à Biblioteca Nacional em 1930⁷² como sendo da autoria de «uma

senhora portuguesa», segundo nota escrita pelo seu próprio punho. Guerra da Cal aventava a hipótese de se tratar de uma tradução da autoria de Cristina Crespo, dizendo que não teria sido identificada, provavelmente, por consideração de Prestage pela sua falecida esposa⁷³. Seria, contudo, impossível a Cristina ter empreendido tal tradução, pois esta é datada de Setembro 1876-Setembro de 1877 e a filha de Maria Amália Vaz de Carvalho só nasceria em 1880. O mistério permanece, pois. Porém, qualquer que tenha sido a tradutora (a própria Maria Amália? a segunda mulher de Prestage?), o facto é que o inglês tem em sua posse o documento e nunca o faz publicar. As mencionadas razões de foro moral e religioso terão, sem dúvida, estado na origem de tal decisão, as mesmas que o impedem, a ele próprio, de traduzir a obra.

Para uma melhor percepção da visão que Prestage tem de Eça é, porém, necessário e interessante recorrer ao artigo que em 1918 escreveria para o *In Memoriam* de Eça. Aí, declinando ser crítico literário, propõe-se equacionar a obra queirosiana de um ponto de vista moral. De facto, surge-nos um Prestage fundamentalisticamente moralista que afirma ter sido a influência francesa na literatura portuguesa (e em Eça) que, a partir do século XVIII, trouxe o anti-nacionalismo e a «anti-moral»⁷⁴. Assim, acusa a Geração de 70, afrancesada, de fraco pendor patriótico e de falta de moral, ao contrário dos seus antepassados, chegando mesmo a defender a Inquisição⁷⁵.

Percebemos, então, as razões de defesa de *A Cidade e as Serras* (versus *O Crime do Padre Amaro* e *A Relíquia*), tal como tinha vindo a ser propagandeada por Prestage de há longos anos: «*What is really curious is that when he went to live in Paris he was reborn a Portuguese. The France he had idolised, when seen*

at close quarters, produced a natural disillusionment, & in Paris the novelist wrote *A Cidade e as Serras* & other books full of the poetry, purity and fragrance of his native country side.

The ideal of all of us is I suppose that of the ancients: 'mens sana in corpore sano'. Judged by this standard, for it is not necessary to invoke Christian morality, Padre Amaro and the Reliquia are unwholesome books, & the talent they display does not suffice to redeem them»⁷⁶.

Mostrando-se totalmente intransigente, Prestage chega mesmo a sugerir que tais livros deveriam ser proibidos: «Works that have to be considered as «for men only» stand self-condemned, for there are not two standards of morality, one for each sex. After all we are strangely illogical; the law in most countries forbids the sale of certain poisons without a doctor's certificate, yet it allows a wide margin to publishers of noxious books and prints, though the mind is superior to and more deserving of protection than the body»⁷⁷.

Nestas palavras Prestage demonstra o carácter do Catolicismo inglês, minoritário, fechado, ultra-aconservador e inflexível que, combinado com um Evangelismo também austero que presidira à sua educação vitoriana, sujeita Eça a parâmetros de avaliação



This is a copy of a caricature made by the late King of Portugal, offered to the Count of Arcoz as a memento of the French revolution of the king's deposed throne of the "Sweet Miracle," and preserved here by his kind permission.

levados ao extremo, fustigando implacavelmente a sua obra.

Nunca Prestage havia ido tão longe nos seus preconceitos, e talvez tome agora uma posição mais clara porque, por um lado, em 1918 já se tinha afastado do trabalho de tradução; por outro, tratando-se de um artigo para o *In Memoriam* de Eça, quer deixar registada a sua opinião.

Ainda no mesmo texto verificamos que é pelas razões de foro moral enunciadas que Prestage justifica o facto de os romances queirosianos não terem sido traduzidos em Inglaterra quando da sua publicação⁷⁸.

Apesar do exagero das suas afirmações, terá alguma razão. Uma sociedade vitoriana de valores rígidos não aceitaria Eça facilmente. Como escreve a Batalha Reis na já citada carta de 24 de Abril de 1895: «You do not know the whole truth about the versions of Zola. True they exist, but the publisher of some of the dirtiest (like Nana) was prosecuted and these are no longer allowed to be sold in public shops».

O próprio Batalha Reis não deixaria, ironicamente, de notar a falsa moral da sociedade vitoriana. Na *Revista Inglesa*, quando ao referir o centenário do nascimento de Byron e ao comentar que o público inglês julga a literatura pela vida mais ou menos escandalosa dos seus autores, conclui «A crítica duma obra literária é feita, em Inglaterra, pelas relações que se descobrem entre essa obra e a moral: Shakespeare, Sterne, Swift, Byron, Dickens, George Eliot, são dignamente expulsos da boa sociedade que devora os milhares de romances, por igual volumosos e idiotas, que todas as semanas se publicam sob os títulos respeitabilíssimos de John by the Author of Joseph e Joseph by the author of John (3 volumes)»⁷⁹. Ou ainda acerca da reacção do público inglês à literatura francesa: «As novelas inglesas

Cópia de uma aguarela do rei D. Carlos incluída numa edição de *The Sweet Miracle*, prefaciada pelo Bispo de Salford. Fotografia de Laura Castro Caldas e Paulo Cintra.



Primeira página do manuscrito da tradução de *O Primo Basílio*, oferecido por Edgar Prestage à Biblioteca Nacional, em 1930. Lisboa, Biblioteca Nacional (Res. COD 9194).

nunca descrevem adultérios e em Inglaterra os romances franceses são considerados a fiel fotografia duma sociedade onde nenhum casamento é feliz: donde se pode concluir que é arriscado julgar dos costumes dum país pela sua literatura»⁸⁰.

Para além das razões eventualmente ditas pelo público vitoriano, poderemos ainda concluir que os romances de Eça não foram traduzidos porque na época não havia nenhum outro lusófilo inglês da craveira de Prestage que pudesse empreender tal trabalho. Burton já tinha morrido, Garnett era apenas um curioso e outras figuras que poderiam tê-lo feito eram homens ligados a outras áreas do saber, nomeadamente à História, como Beazley, que com Prestage havia trabalhado em Zurara.

Seria, pois, o perfil do próprio tradutor que, efectuando uma auto-censura ao seu trabalho, filtraria a visão que de Eça e da literatura portuguesa vigoraria na Inglaterra do início do século XX divulgando *um certo* Eça e escondendo o outro, no que se auto-revela como um produto de uma sociedade caracterizada por ambivalências e duplicidades.

É assim que, após a feroz crítica da qual só escapa algum do «último Eça», cuja ausência de tradução (excepto as suas pontuais incursões, que acaba por elogiar) não consegue explicar, já que em nada ofende os seus princípios, não deixa de elogiar *O Primo Basílio*: «*I am not sure that he will not live longer by his short stories than by his more voluminous works, though Primo Basilio, as a faithful picture of a phase of Lisbon life in the last quarter of the 19th century, has almost the value of an historical document*»⁸¹.

De facto, como se viu, o romance sempre o impressionara (e é de não esquecer que tem em casa uma versão inglesa de alguém que lhe

é próximo) e, secretamente (como bom vitoriano), sempre desejara traduzi-lo, embora não se atrevesse a fazê-lo. Quanto ao seu vaticínio relativamente à recepção da obra queirosiana, estava enganado. Eça não seria lembrado pelos seus contos em detrimento dos romances, embora estes tivessem de esperar algum tempo para começarem a ser traduzidos em Inglaterra.

A tarefa seria empreendida pelo seu amigo e também lusófilo Aubrey Bell que levaria a cabo a tradução de *A Relíquia*⁸², que Prestage não ousara publicar em língua inglesa.

Ainda que apresentando alguma informação inédita, este artigo constitui uma versão sumária de parte de um livro sobre a estada de Jaime Batalha Reis em Inglaterra e a sua amizade com Edgar Prestage, o primeiro estudo a publicar artigos de Batalha Reis para os jornais britânicos e uma selecção da correspondência trocada com Prestage. Cf. Maria Teresa Pinto Coelho, *A Agulha de Cleópatra. Jaime Batalha Reis e as Relações Diplomáticas e Culturais Luso-Britânicas*, Cosmos (no prelo).

¹ Edgar Prestage, *The Sweet Miracle. By Eça de Queiroz. Done into English*, London, David Nutt, 1904.

² «*I came back from London on Monday with a bad chill and may not be able to go up again just now, so that I am sending you the Ms. of Suave Milagre in the hope that you will kindly compare it with the original and make any corrections that may be needed. Will you then return it, as I wish to print it, either in pamphlet form or through [—] magazine – as soon as possible. If you have not a copy of the Portuguese text I will forward it. You will see that I have not translated the words 'malóbatro', 'esguedelhada' and 'quinteiro'. I am ignorant of the meaning of the first two, and 'quinteiro' appears by the context to mean 'quinta' = cultivated land by the house in this case. [...]. A tale of Queirós, O Defunto, strikes me as powerful and new and I may turn it into English if I can think how to deal with it when done. It would be too long for a magazine I think*», Biblioteca Nacional, Espólios: Jaime Batalha Reis ESP E4 32/ 29. A transcrição das cartas manuscritas de Prestage e Batalha Reis, todas elas em inglês, foi efectuada de acordo com os seguintes critérios: manutenção dos erros de inglês nas cartas de Batalha Reis e indicação dos vocábulos indecifráveis com [—]. [N.E.: A transcrição das cartas é feita em itálico, conforme normas da revista, excepto os títulos das obras e as palavras e expressões estrangeiras.]

³ Edgar Prestage, *Our Lady of the Pillar by Eça de Queiroz. Done into English*, London, Archibald Constable Ltd, 1906.

⁴ *Op. cit.*, p. 10. Provavelmente teria em mente a tradução de *Singularidades de uma Rapariga Louca, Um Poeta Lírico e*

- José Matias que elogia no artigo sobre Eça que escreveu para a *Encyclopaedia Britannica* em 1910: «Eça de Queiroz, José Maria (1843-1900)», in *Encyclopaedia Britannica*, 11ª edição, vol. VIII, pp. 844-45.
- ⁵ O texto, intitulado *Eça de Queiroz and «The Correspondence of Fradique Mendes»* tem origem numa palestra que Prestage proferiu em 22 de Janeiro de 1906 no Manchester Literary Club, de que era membro, sendo primeiramente publicado no *Manchester Quarterly*, nº XCIX, Julho de 1906, pp. 278-287, a revista do clube, e depois em Londres e Manchester, Sherratt and Hughes, 1906.
- ⁶ Cf. nota 3. A correspondência utilizada encontra-se na caixa 32, pelo que, doravante, se torna dispensável referir em nota a origem destes documentos.
- ⁷ Collection of Autograph Letters Addressed to Edgar Prestage, 3 vols, King's College. Doravante será apenas indicado como KCL, Prestage.
- ⁸ Edgar Prestage, *The Letters of a Portuguese Nun*, London, David Nutt, 1893. O livro, que conheceria três edições (1893, 1897 e 1903), seria repudiado pelo próprio Prestage, que, depois da edição de 1903, não permitiria reedições, após as cartas da freira portuguesa terem sido consideradas uma falácia literária.
- ⁹ Edgar Prestage, *Anthero de Quental. Sixty-Four Sonnets*, London, David Nutt, 1894. Prestage havia já «ensaiado» traduções de Antero tendo publicado, entre outros textos, alguns sonetos na revista *Academy*, nomeadamente: «Two Sonnets of Anthero de Quental. I. 'The Palace of Happiness'; II. 'Mors-Amor'», 8 de Julho de 1893, p. 31; «Two Sonnets of Anthero de Quental. I. 'To Germano Meyrelles'; II. 'Quia Aeternus (to Joaquim d' Araújo)'», 21 de Outubro de 1893, p. 340. e «Two Sonnets of Anthero de Quental. I. 'The Nocturnal One'; II. 'A Romantic Burying-Place'», 30 de Dezembro de 1893, p. 587.
- ¹⁰ John Laidlar, «Edgar Prestage. Manchester's Portuguese Pioneers», *Twenty Third Annual Report and Review*, The British Historical Society of Portugal, 1996 (pp. 55-75), p. 56.
- ¹¹ Edgar Prestage, «English Neglect of Portuguese Literature», *The Academy*, 10 de Junho de 1893, p. 506.
- ¹² Para além de Camões, obras sobre D. Sebastião e Inês de Castro, a *Carta de Guia de Casados* de D. Francisco Manuel de Melo e vários livros pela pena de viajantes ingleses em Portugal, sobretudo durante o Romantismo, haviam divulgado as letras portuguesas em Inglaterra.
- ¹³ Sabemos, pelo espólio de Batalha Reis, que Cristina se suicidaria em 1918. Prestage casar-se-ia de novo em 1923 com Victoria Cobb, cu já família estava ligada à cidade do Porto, passando a viver em Londres. Nesse ano é nomeado *Camões Professor* no King's College, cargo que exerceria até 1936.
- ¹⁴ Edgar Prestage, «Reminiscences of Portugal», in H.V. Livermore (ed.), *Portugal and Brazil. An Introduction. Made by Friends of Edgar Prestage and Aubrey FitzGerald Bell in Piam Memoriam*, Oxford, Clarendon Press, 1953 (pp. 1-11), p. 5.
- ¹⁵ Edgar Prestage, «Notas Auto-Biográficas», in *O Instituto*, vol. 66, 1919 (pp. 171-178), pp. 175-176. Depois de 1910 a carreira de Prestage, agora dedicada aos estudos históricos, é fulgurante. Desenvolve então uma intensa actividade em várias associações de prestígio em Portugal como a Academia das Ciências de Lisboa e a Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, que ele próprio fundou em 1912. Os seus numerosos artigos na *Revista de História*, no *Boletim da Academia das Ciências*, no *Arquivo Histórico Português* e em *O Instituto*, entre outros periódicos, testemunham o trabalho desenvolvido.
- ¹⁶ J.J. Aubertin, *The Lusíads of Camoens. Translated into English Verse*, 2 vols, London, Kegan Paul & Co. 1878.
- ¹⁷ Cf. Richard Burton, *Camoens. The Lyrics, Part I, Part II (Sonnets, Canzons, Odes and Sextines)*, 2 vols, London, Bernard Quaritch, 1888. Após a morte de Burton em 20 de Outubro de 1890, Prestage corresponder-se-ia com sua mulher, Isabel Burton, que viria a completar a publicação da obra do marido: *Os Lusíadas (The Lusíads). Edited by His Wife, Isabel Burton*, 2 vols, London, Bernard Quaritch, 1880.
- ¹⁸ Esta informação é fornecida pelo próprio Prestage nas suas «Notas Auto-Biográficas», p. 174. Em «Reminiscences of Portugal» Prestage diz que veio pela primeira vez a Portugal no verão de 1891 (p. 1), o que não poderia ter-se verificado pois, não só identifica esse verão como «*the summer of 1891 following Lord Salisbury's ultimatum*», como nesse mesmo ano termina o curso em Oxford. Para além disso, a Grande Subscrição Nacional, para a qual Prestage diz ter contribuído, foi lançada logo a seguir ao Ultimatum.
- ¹⁹ Cf. a referida carta de Prestage a Teófilo Braga, in Maria da Conceição Vilhena, «Relações de Edgar Prestage com Escritores Açorianos», *Arquipélago*, nº especial, 1988, p. 250.
- ²⁰ John Laidlar, *op. cit.*, pp. 57-58.
- ²¹ Cf. Maria da Conceição Vilhena, *op. cit.*
- ²² Edgar Prestage, «Translation. From the Portuguese of Alice Moderno», *The Academy*, 3 de Março de 1894, p. 189.
- ²³ Cf. Alice Moderno, *Versos da Mocidade 1888-1911. Com Traduções de Versos da Auctora em Allemão, Francez, Inglez, Italiano e Sueco*, Ponta Delgada, Composto e Impresso na Typ. da Auctora e pela Mesma Editado, 1911, pp. 245-246.
- ²⁴ John Laidlar, *op. cit.*, p. 60.
- ²⁵ Cf. cartas de 11 de Outubro de 1895 e 5 de Outubro de 1905 nas quais Prestage agradece a Batalha Reis as cartas de recomendação para figuras como, em 1895, Junqueiro, Carolina Michaëlis, Eugénio de Castro e Ramalho Ortigão e, em 1904, o Conde de Arnos, Maria Amália Vaz de Carvalho e António Cândido, entre outros.
- ²⁶ Batalha Reis foi nomeado cônsul em Newcastle em 1882, cargo que ocuparia de 1883 a 97, tendo depois sido transferido para o consulado de Londres, onde permaneceria até 1911. Sobre a sua estada em Inglaterra cf. nota 1.
- ²⁷ A este respeito as cartas trocadas entre os dois são muitas. Batalha Reis não só fornece ao seu amigo informações sobre literatura portuguesa como o ajuda a traduzir vocábulos, expressões e mesmo versos inteiros. Cf., por exemplo, as cartas de 6, 8 e 12 de Julho e 23 de Agosto de 1894.
- ²⁸ Respectivamente: Edgar Prestage, «From the Simple Folk of Guerra Junqueiro. 'The Lost Song'», *The Academy*, 11 de Maio, de 1895, p. 401 e «'The Digger'. From the Portuguese of Guerra Junqueiro», *The Yellow Book*, vol. VI, Julho de 1895, p. 283.
- ²⁹ Edgar Prestage, «(A Caminho). English Translation», *The Athenaeum*, Janeiro de 1920.



³⁰ Charles Raymond Beazley e Edgar Prestage, *The Chronicle of the Discovery and Conquest of Guinea*. Written by Gomes Eannes de Azurara, vol. I (chapters I-XL). With an Introduction on the Life and Writings of the Chronicler, London, Hakluyt Society, 1896. O segundo volume sairia em 1899: *The Chronicle of the Discovery and Conquest of Guinea. With an Introduction on the Early History of African Exploration, Cartography, etc.*, vol. II, London, Hakluyt Society, 1899.

³¹ *Op. cit.*, p. 175.

³² Cf. nota 6.

³³ John Laidlar, *Op. cit.*, p. 62.

³⁴ *Op. cit.*, p. 9.

³⁵ «He [Eça] is known mainly by that splendid romance, Cousin Basil, but the Correspondence of Fradique Mendes reveals a versatility of talent in this humanist and critic of life which even the greatest novelists have lacked, and The City and The Mountains contains pages of landscape painting which are already classical. The prose-poem here translated [O Suave Milagre] shows that his journey through Palestine had penetrated the Master of Realism with the spirit of the East, and calls to mind another book of his, The Relic, which seems to echo the genius of Flaubert», *Ibid.*, pp. 9-10.

³⁶ *Op. cit.*, p. 4.

³⁷ *Ibid.*

³⁸ *Ibid.*

³⁹ Cf. nota 5. Porém, neste artigo já considera *Os Maias* uma obra de arte e menciona *A Ilustre Casa de Ramires* como um romance digno de ser mencionado.

⁴⁰ *Op. cit.*, p. 5.

⁴¹ *Op. cit.*, pp. VII-VIII. Prestage havia pensado chamar-lhe *The Deceased*, como atesta a correspondência com Batalha Reis. Cf. carta de 27 de Outubro de 1904.

⁴² Douglas Ainslie, «A Friend in Need (To the Memory of Eça de Queiroz)», in *Mirage. Poems*, London, Elkin Mathews, 1911, pp. 25-83.

⁴³ KCL, Prestage, 3/1.

⁴⁴ Escreve Prestage: «I send you a copy of Sweet Miracle which I hope you will like. Madam Eça de Queirós was pleased with it, so was Madam Benedita Osório with whom I had the pleasure of travelling to Portugal». Prestage refere-se à viúva de Eça e à irmã desta, Benedita de Castro Pamplona, que casara em 1899 com Luís Osório.

⁴⁵ Respectivamente: Edgar Prestage, *The Sweet Miracle*. By Eça de Queiroz, London, David Nutt, Setembro de 1904; 2ª ed., pelo mesmo editor, Dezembro de 1904; 3ª ed., pelo mesmo editor, 1905; 4ª ed., Portland Maine, Thomas B. Moshes, 1906, 4ª ed. revista, Oxford, B.H. Blackwell, 1914; 5ª ed., pelo mesmo editor da anterior, 1916.

⁴⁶ KCL, Prestage, 1/7.

⁴⁷ Arnoso, Conde de, *Suave Milagre. Mistério em 4 Actos e 6 Quadros. Extrahido de um Conto de Eça de Queiroz com Versos de Alberto d'Oliveira e Musica de Oscar da Silva*, Lisboa, Livraria Ferin, 1902.

⁴⁸ [Louis Charles], *The Sweet Miracle by Eça de Queiroz. A Mystery Play Translated from the Portuguese and Adapted from the Dramatized Version of Alberto de Oliveira by the Sisters of Notre Dame. With a Preface by the Bishop of Salford*, Edinburgh and London, Sands and Company, 1910, p. 6.

⁴⁹ KCL, Prestage 3/37. Esta referência a conhecimentos de língua portuguesa é bastante curiosa. Segundo John Laidlar, o

bispo de Salford havia sido director do colégio católico de St. Bede's em Manchester e a irmã de um dos seus alunos ilustres, Sir Edward Hulton, fundador de vários jornais, casara com um açoriano, Sebastião Clemente Deiró, cujo cunhado era sobrinho de Antero. Sebastião Deiró e Prestage fundariam em 1905 a Anglo-Portuguese Chamber of Commerce, da qual era presidente honorário o marquês de Soveral, *op. cit.*, p. 64.

⁵⁰ «The ordinary people in those simpler times could not read, and, as printing had not yet been invented, books would have been practically unattainable, even had the art of reading been as common as it is now. These religious dramas, then, served for the double purpose of healthy, innocent amusement, and, what was still more important, of popular instruction in the truths of religion, the principles of moral conduct, the sacred history of the Old and New Testaments, and the history of the Church», *op. cit.*, p. 5.

⁵¹ *Ibid.*, p. 6

⁵² Garnett traduz, entre outros textos, sonetos camonianos e anteriores. Cf. Dante, Petrarch, Camoens, *CXXIV Sonnets*. Translated by Richard Garnett, London, John Lane, 1896 e «Sonnets from the Portuguese of Antero de Quental», *The Yellow Book*, vol. XIII, 1897, pp. 51-55.

⁵³ Prestage enviara-lhe o manuscrito para possíveis correcções que Garnett efectua, como se vê na carta que lhe envia em 6 de Março de 1904, KCL, Prestage, 3/62.

⁵⁴ KCL, Prestage, 3/63.

⁵⁵ John Laidlar, *op. cit.*, p. 6.

⁵⁶ *The Catholic Encyclopaedia. An International Work of Reference of the Constitution, Doctrine, and History of the Catholic Church*, New York, Robert Appleton Company, 15 vols, 107-1914. Significativamente, os artigos escolhidos para figurar nesta publicação foram seguintes: «Henry the Navigator», «Macedo, José Agostinho de», «Periodical Literature, Catholic - Portugal», «Oporto, Diocese of (Portugalensis)», «Portuguese East Africa», «Portuguese West Africa», «Portugal. Literature», «Portugal», «Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello», «Vizeu, Diocese de (Vicensis)».

⁵⁷ Edinburgh, Oliver & Boyd, 1919. Como comenta Guerra da Cal: «Suponemos que esta versión fué representada, tanto por sus repetidas ediciones, como por el hecho de que se compusiese en Inglaterra una nueva partitura para las escenas cantadas, que acompañaba a la 1ª edición y que más tarde fue editada independientemente: Songs from the Sweet Miracle, by Eça de Queiroz Translated and Adapted from the Dramatized Version of Alberto d'Oliveira by the Sisters of Notre Dame. Music Composed by Edith Ewan-Smith, [1927]», Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. Apêndice. Bibliografía Queirociana Sistemática y Anotada e Iconografía Artística del Hombre y del Obra*, Tomo III, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1980, p. 21.

⁵⁸ As duas figuram no mesmo volume: *Sweet Miracle. A Drama Adapted from the Portuguese of Eça de Queiroz and Translated into English by the Rev. H. Gaffney. With a Translation into Irish by the Rev. G.M. Cusson and a Preface by Edgar Prestage*, Dublin, The Talbot Press, 1927.

⁵⁹ *Op. cit.*, tomo III, p. 22.

⁶⁰ Poeta e crítico inglês. De 1867 a 1875 foi assistente no departamento de livros impressos do British Museum. De 1884 a

- 1890 foi Clark Lecturer de Literatura Inglesa no Trinity College em Cambridge. Em 1904 foi nomeado bibliotecário da House of Lords. Dirigiu a Heinemann's Series de «Literature of the World» e a «International Library» do mesmo editor.
- ⁶¹ «*Camilo's works I know pretty well, but even his best appear to me thin, and give evidence of the haste with which they were put together to meet the requirements of his various publishers.*»
- ⁶² Batalha Reis refere-se a Mary J. Serrano, *Dragon's Teeth*, Boston, Ticknor, London, Trübner, 1889. Numa carta a Batalha Reis datada de 28 de Janeiro de 1890 Eça queixara-se do título e da supressão de várias passagens: «*O tradutor inglês de O Primo Basílio cortou-lhe todas as cenas em que os amantes se encontram, e, em geral, suprimiu o adultério! Deu-lhe além disso o nome de Dragon's Teeth! E o livro teve, em Inglaterra e na América, uma bonne presse.*», Eça de Queirós, *Correspondência* (leitura, coord., prefácio e notas de Guilherme de Castilho), 2 vols, Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983, vol. II, p. 37.
- ⁶³ «*Nutt is publishing a series of foreign novels turned into English and asked me to recommend a good and saleable Portuguese novel for inclusion. He says – 'I want good stuff, but also stuff that will appeal to a large enough section of the British public and make its publication a remunerative one. Will you advise me which novel you think fulfils these conditions? I should say Primo Basílio of Queirós but for the fact that it would have to be cut about and a good many passages omitted. What about As Pupilas of Dinis – a favourite book of mine? Camilo's would not suit our taste, I think'*», carta a Batalha Reis de 29 de Junho de 1904.
- ⁶⁴ George Saintsbury (ed.), *Periods of European Literature*, 12 vols, vol XII, London, Blackwoods, 1923, pp. 253-294. Neste volume Prestage contribuiria para o capítulo «Southern Literatures», pp. 279-294.
- ⁶⁵ *Ibid.*, p. 289.
- ⁶⁶ *Ibid.*, pp. 287-288.
- ⁶⁷ Edgar Prestage, «Castello Branco, Camillo», in *op. cit.*, vol. V, 1910, p. 472.
- ⁶⁸ *Op. cit.*, p. 290.
- ⁶⁹ Cf. Rui Ramos, «A Formação da *intelligentsia* portuguesa (1860-1880)», *Análise Social*, vol. XXVII (116-117), 1992 (2^a-3^a), pp. 494-495.
- ⁷⁰ Luciano Cordeiro, *Livro de Critica. Arte e Litteratura Portuguesa d'Hoje 1868-1869*, Porto, Typographia Lusitana, p. 236. Por sua vez, em 1885 Sampaio Bruno reabilita Júlio Dinis, rebatendo Luciano Cordeiro: «*Com efeito, o seu amor pela vida simples, pelos caracteres simpáticos, a sua amizade pelos episódios da existência comum, que o sol espiritual da bondade aquece e doura, afasta o romancista dos imbróglios complicados, apesar de uma opulência de efabulação que tece o interesse da intriga de situações triviais, pasmando o leitor, surpreso ao encontrar drama nos factos que se lhe afiguravam os mais prosaicos. O sucesso de Júlio Dinis proveio, pois, dessa alegria do público em se sentir passar de espectador a actor em obra literária e o Sr. Luciano Cordeiro engana-se, julgando que o êxito da obra do escritor era um desfastio* [Escrevera Luciano Cordeiro: 'O romance de Gomes Coelho tinha a novidade da bucolica, para a burguesia cansada. Era um desfastio', *op. cit.*, p. 235], *porque, mais do que isso, ela corresponde na novela à representação da sociedade viva.*», *A Geração Nova (Ensaios Críticos). Os Novelistas*, Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1984, pp. 116-117.
- ⁷¹ Para os valores da sociedade vitoriana, cf. o já clássico estudo de Walter E. Houghton, *The Victorian Frame of Mind 1830-1870*, New Haven and London, Yale University Press, 1957 e F. M. L. Thomson, *The Rise of Respectable Society. A Social History of Victorian Britain, 1830-1900*, Fontana Press, 1988.
- ⁷² *O Primo Basílio* (tradução inglesa). Oferta de Edgar Prestage.
- ⁷³ *Op. cit.*, tomo IV, pp. 22-23.
- ⁷⁴ «*The influence of France over Portugal has I think for the last two hundred years been anti-national and anti-moral, whether in the sphere of politics or in that of letters.*», Edgar Prestage, *Eça de Queiroz. «In Memoriam»* (org. Eloy do Amaral e Cardoso Martha), Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1922 (pp. 109-113), p. 109. E ainda: «*But the introduction of the 'French ideas' in the 18th century changed all this* [o facto de durante seis séculos, havia afirmado Prestage, Portugal ter levado uma existência pacífica, sem grandes tumultos políticos] *and since 1817, thanks largely to French Freemasonry, Portugal has lived in almost continual unrest, and has of late been on the verge of anarchy.*», *op. cit.*, pp. 109-110.
- ⁷⁵ «*The Portuguese of olden times would not have recognised their great grandsons. The former, with all their faults, possessed great qualities, or they could never have built and sustained the overseas empire. They were moreover strong nationalists, otherwise a small country like Portugal could never have preserved its independence. They showed this as late as the 17th century, when all classes resisted the efforts of Peter II & his Jesuit advisers to reform the Inquisition. Public opinion, both in Paris & Rome, rightly condemned this intolerant attitude, but the Portuguese were not moved thereby; they insisted on being masters in their own house & in showing themselves more papal than the Pope.*», *ibid.*, pp. 110-111. É quase uma teoria da decadência virada ao contrário, se tivermos em conta as ideias de Antero sobre a Inquisição.
- ⁷⁶ *Ibid.*, pp. 111-112.
- ⁷⁷ *Ibid.*
- ⁷⁸ «*Probably the nature of these books of Eça prevented their translation in England, because at the time they were written a higher standard prevailed there than exists at present.*», *Ibid.*, p. 112.
- ⁷⁹ Jaime Batalha Reis, *Revista Inglesa. Crónicas* (org., introdução e notas de Maria José Marinho), Lisboa, Publicações D. Quixote / Biblioteca Nacional, 1988, pp. 51-52. E, após exemplificar (Shakespeare teve um filho antes de se casar, George Eliot nunca se casou com Henry Lewis, etc.), conclui sobre a prostituição em Londres: «*é certo que todos os anos 4 ou 5 processos ruidosos nos tribunais de Londres provam que o costumes da nobreza e da burguesia de Inglaterra são muito diversos das cenas que os romances ingleses celebram: salvem-se porém os princípios e não nos esqueçamos nunca que a hipocrisia é a homenagem que a virtude presta ao vício.*», *ibid.*, p. 52.
- ⁸⁰ *Ibid.*, p. 105.
- ⁸¹ *Op. cit.*, p. 113.
- ⁸² *The Relic. Translated from the Spanish by Aubrey Fitz Gerald Bell*, New York, Alfred Knopf, 1925.